Diário da Flotilha pela Liberdade de Gaza

Diario de la Flotilla por la Libertad de Gaza

Journal of the Freedom Flotilla for Gaza

Juan Garay e André Sales

Resumo. Este artigo apresenta um diário digital com curadoria que documenta a Flotilha pela Liberdade de Gaza, uma missão marítima civil de grande porte com o objetivo de romper o bloqueio de Gaza e entregar ajuda humanitária. Ao combinar a abordagem editorial de André Sales com relatos em primeira mão do ativista Juan Garay, o texto destaca a catastrófica crise de saúde e a negligência sistêmica enfrentadas pelos palestinos. Além disso, a análise estabelece uma ponte entre o ativismo político imediato e uma "utopia viável", propondo que redes globais de ecovilas autossustentáveis e de conhecimento compartilhado possam substituir os atuais sistemas de extração e violência. Em última análise, o texto funciona como um testemunho de resistência, enquadrando a flotilha não apenas como uma jornada física, mas como uma "direção" simbólica rumo a um futuro global mais equitativo e sustentável.

Palavras-chave: Ajuda humanitária; ativismo político; Gaza; ecovilas autossustentáveis.

Resumen. *Este artículo presenta un diario digital que recopila la documentación de la Flotilla de la Libertad de Gaza, una misión marítima civil a gran escala destinada a romper el bloqueo de Gaza y entregar ayuda humanitaria. Mediante la combinación del enfoque editorial de André Sales y los relatos en primera persona del activista Juan Garay, el texto pone de relieve la catastrófica crisis sanitaria y el abandono sistémico a los que se enfrentan los palestinos. Además, el análisis tiende un puente entre el activismo político inmediato y una «utopía factible», proponiendo que las redes globales de ecovillas autosuficientes y el conocimiento compartido puedan sustituir a los actuales sistemas de extracción y violencia. En última instancia, el texto funciona como un testimonio de resistencia, enmarcando la flotilla no solo como un viaje físico, sino como una «dirección» simbólica hacia un futuro global más equitativo y sostenible.*

Palabras clave*: Ayuda humanitaria; activismo político; Gaza; ecoaldeas autosuficientes*

Abstract. *This article presents a curated digital diary documenting the Gaza Freedom Flotilla, a massive civil maritime mission aimed at breaking the blockade of Gaza and delivering humanitarian aid. By combining editorial framing by André Sales and firsthand accounts from activist Juan Garay, the text highlights the catastrophic health crisis and systemic neglect faced by Palestinians. Furthermore, the analysis bridges immediate political activism with a "feasible utopia", proposing that global networks of self-sustaining ecovilas and shared knowledge can replace current systems of extraction and violence. Ultimately, the text functions as a testimony of resistance, framing the flotilla not just as a physical journey, but as a symbolic "direction" toward a more equitable and sustainable global future.*

Keywords: *Humanitarian aid; political activism; Gaza; self-sustaining ecovillages*

Camaradas separados por oceanos

Desde a fundação do Movimento pela Equidade Sustentável em Saúde (SHEM)[1], em 2020, tenho trabalhado com Juan Garay. Nosso percurso ao longo dos anos fez com que a decisão dele de ingressar na *Global Sumud Flotilla*[2] não me surpreendesse. Sua escolha de integrar o maior esforço marítimo civil já coordenado em prol da Palestina só aumentou a admiração e o respeito que tenho pela forma como ele transformou a própria vida em um testemunho dos valores e do mundo que Juan acredita ser possível. Contudo, sua decisão me criava um problema.

Sou o responsável pela comunicação estratégica do SHEM e precisaria inventar um modo de registrar e amplificar a voz dele em meio aos mais de mil participantes de mais de 70 países, espalhados em mais de 70 barcos que compõem a Flotilha[3,4].

Figura 2: Foto enviada por Juan via Whatsapp com a mensagem " um lembrete para os soldados atacando nosso barco". O texto escrito em inglês diz: “Ouça o choro das crianças, veja a sabedoria nos olhos dela. Porque o amor é era, guerra é mentira. Abandone as ordens recebidas, largue sua arma. Junte as suas mãos, lute pela paz”



A missão de primavera da *Global Sumud Flotilla* está organizada em torno de seis objetivos interligados. Em primeiro lugar, enfrentar diretamente o bloqueio ilegal imposto a Gaza, afirmando o direito dos palestinos de acessar sua costa marítima e o mundo exterior.

[1] https://www.sustainablehealthequity.org/
[2] https://globalsumudflotilla.org/
[3] Todas as traduções neste texto foram feitas por mim com auxílio de inteligência artificial
[4] É possível acompanhar a localização dos barcos em tempo real em: https://globalsumudflotilla.org/tracker/

Paralelamente, entregar ajuda humanitária em larga escala, incluindo alimentos, material escolar e medicamentos. Outro pilar da iniciativa é estabelecer um corredor marítimo popular, operado por civis, que assegure acesso irrestrito a suprimentos essenciais e reforce a soberania palestina sobre suas águas. Além disso, equipes especializadas acompanharão a reconstrução de casas, escolas e hospitais. A flotilha também se propõe a expor a conivência internacional que sustenta o bloqueio, mobilizando a sociedade civil global para exigir responsabilização. Finalmente, a ação visa transformar a flotilha em um catalisador de mobilizações coordenadas por terra e mar, amplificando as vozes palestinas e incentivando a participação popular em escala mundial diante da inércia de governos e instituições.

Juan tem denunciado há muito a violência perpetrada por Israel em Gaza. No SHEM, dedicamos as edições 48, 50 e 59 de nossa newsletter mensal, SHEM Highlights, aos efeitos dessa guerra atroz sobre: os trabalhadores da saúde[5], o meio ambiente[6] e a formação dos profissionais da saúde[7]. Uma das primeiras mensagens que trocamos com ele já na Flotilha, era sobre a situação geral da saúde dos prisioneiros em Gaza. Reproduzo a mensagem aqui:

> *Em 17 de abril de 2026, havia mais de 9.600 prisioneiros palestinos — incluindo 86 mulheres e 350 crianças — enfrentando condições caracterizadas por negligência médica sistemática, fome e tortura Relatórios de grupos humanitários como a Sociedade de Prisioneiros Palestinos (PPS) e a Comissão de Assuntos dos Detidos destacam várias questões críticas:*
>
> - *Doenças generalizadas: as infecções por sarna atingiram níveis catastróficos devido à superlotação, à falta de produtos de higiene e à mistura deliberada de prisioneiros infectados com os saudáveis*
> - *Inanição sistêmica: Detentos libertados relatam perda de peso severa, com alguns perdendo mais de 40 kg (quase 90 libras) durante a detenção. Muitos retornam para casa visivelmente desnutridos e emaciados.*
> - *Negligência médica: Grupos de defesa documentam uma política de "morte lenta", na qual tratamentos essenciais, cirurgias e até analgésicos são negados. Algumas clínicas prisionais ganharam notoriedade por oferecer apenas aspirina para todas as doenças.*
> - *Trauma físico e psicológico: Detentos relatam tortura sistemática, incluindo privação de sono, confinamento solitário e abuso físico. Isso levou a problemas de longo prazo, como insônia crônica, dores inespecíficas e transtorno de estresse pós-traumático após a libertação.*

Passado o choque causado pela imagem que aquelas informações criaram em minha mente, notei que a forma como Juan as enviara sugeria que ele usara alguma ferramenta de IA para sintetizá-las. Antes de publicá-las nas redes do SHEM, investiguei a procedência dos dados e percebi que eles vinham, basicamente, das três fontes que Elham Kateeb —co-chair do SHEM ao lado de Juan e reitora de Pesquisa Científica da Universidade Al-Quds, em Jerusalém— me

[5] https://www.sustainablehealthequity.org/s/HL-48-SHEM-Highlights-APRIL-2025-1.pdf
[6] https://www.sustainablehealthequity.org/s/HL-50-SHEM-Highlights-JUN2025.pdf
[7] https://www.sustainablehealthequity.org/s/HL-59-SHEM-Highlights-MAR-2026.pdf

recomendara:

1. *Euro-Med Human Rights Monitor* (https://euromedmonitor.org/en)
2. Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente (https://www.mppm-palestina.org/)
3. *The Palestine Chronicle* (https://www.palestinechronicle.com/)

Enquanto rastreava as origens das informações enviadas por Juan, entendi como poderia amplificar sua voz. A bordo, as emoções eram intensas, a conexão de internet era instável e o domínio das ferramentas tecnológicas, limitado. Juntos, esses fatores ameaçavam restringir o alcance de sua mensagem. Caberia a mim, seu camarada com acesso a informações, tecnologia e recursos, reunir os relatos emocionados, as análises afiadas, os comentários dispersos e os vídeos fragmentados. Minha tarefa era garantir que tudo isso se transformasse em um acervo coerente e compartilhável. Assim, tornei-me guardião de uma narrativa coletiva que tem chegado a mim via mensagem dispersas no *WhatsApp*. Polindo esse conteúdo e selecionando outras notícias para contextualizar o que está acontecendo, minha função tem sido garantir que as experiências de Juan atravessassem oceanos e cheguem ao público que precisava ouvi-las.

Como esta é uma história que ainda se desenrola diante dos nossos olhos, todos os registros estão reunidos no site do SHEM, em uma seção que batizamos de "Notícias da Flotilha". Ali, vídeos, textos, poesias, áudios e fotografias, compõem um mosaico vivo de experiências de Juan e outros tantos que colocaram a segurança em jogo em nome de um compromisso com o fim do genocídio em Gaza. O acervo pode ser acessado pelo seguinte endereço: https://www.sustainablehealthequity.org/news-from-the-flotila.

Nas próximas seções deste texto, compartilho três publicações desse acervo, cada uma delas captura o espírito da jornada e revela o quanto ela tem inspirado Juan e a todos nós no SHEM. A primeira é um relato emocionado da noite que antecedeu a assembleia dos barcos da Flotilla na costa da Turquia — momento carregado de expectativa e medos e esperança. Em seguida, trago a apresentação pessoal que pedi ao próprio Juan quando decidimos transformar seus relatos em narrativa pública. Por fim, incluo uma análise do contexto em que esse genocídio se perpetua, escrita por Juan durante a travessia a partir de outros textos já publicados. Esse texto afiado e preciso se encerra com a descrição indignada da apreensão covarde de parte dos barcos da flotilha por Israel.

Meus dias na Global Sumud Flotilla – Juan Garay, 04/05/2026

Meu nome é Juan Garay. Sou co-chair do Movimento pela Equidade em Saúde Sustentável[8]. Aos 62 anos, troquei meu escritório pela ecoaldeia Valyter[9], na Cantábria, Espanha em busca de autossuficiência energética e respeito ao meio ambiente. Esse mesmo chamado me trouxe aqui hoje, a bordo do *Gaucho* — o barco que agora me leva a Gaza.

[8] https://www.sustainablehealthequity.org/
[9] https://www.valyter.es/

Figura 2: Logo conjunto desenvolvido para a sessão Notícias da Flotilla no site do SHEM



Estamos no mar há três semanas, e o cansaço é uma sombra que não nos abandona. A última noite, sem dúvida, foi a mais longa, tensa e difícil. Permanecemos acordados, com o ânimo abalado, à espera de uma interceptação a qualquer momento. A realidade nos atingiu em cheio: entre 20 e 30 barcos de nossa frota *Global Sumud* foram abordados ou detidos[10]. O que mais me parte o coração é o silêncio: não temos notícias de cerca de 180 pessoas, incluindo a cardiologista Inés Madrazo, que navegava no pequeno veleiro *Batolo*. Embora haja informações de que alguns possam ser libertados, a incerteza pesa mais que o sal em nossa pele.

A bordo do *Gaucho*, divido o espaço com almas corajosas do Líbano, México, Peru, Chile, Polônia e Alemanha. Ao meu lado está a jornalista Alba Hijazi, cuja determinação me lembra por que estamos aqui. O barco é velho, e o trabalho, incansável: navegar, consertar e, no meu caso, atender às constantes necessidades médicas que surgem após quase um mês no mar. Não estamos sozinhos nesta odisseia: ver os navios da *Open Arms11* e do *Greenpeace12* por perto nos dá o fôlego que nos falta.

Nos chamam de ativistas, mas prefiro dizer que somos “mensageiros da paz” — ou até “piratas da paz”. Neste momento, navegamos por águas territoriais gregas, onde a situação, por enquanto, é mais estável. Enquanto rumamos para Creta, não consigo evitar comparar nossa jornada à de Ulisses em direção a Ítaca.

Em poucas horas, nos reuniremos para decidir os próximos passos diante de forças que se revelaram imprevisíveis. Nossa maior esperança não está nos governos, que tantas vezes nos decepcionaram, mas na mobilização dos cidadãos. O risco de confronto é alto. Na verdade, a situação está cada vez mais difícil: a brutalidade de Israel se alastra pelo Mediterrâneo, e suas ameaças de nos atacar com mais força persistem enquanto navegamos rumo a Gaza — e ao mundo. Ainda assim, nosso ânimo permanece inquebrantável.

---

[10] https://www.amnesty.org/en/latest/news/2026/04/israels-brazen-interception-of-global-sumud-flotilla-bound-for-gaza-sparks-fears-for-175-arbitrarily-detained/

[11] https://www.openarms.es/en/current-events/news/the-open-arms-joins-the-global-sumud-flotilla-on-april-12

[12] https://www.greenpeace.org/international/story/82566/greenpeace-global-sumud-flotilla-gaza-arctic-sunrise/

Em solidariedade a Gaza: A Vigília de humildade e Esperança em Masmaris na Turquia – Juan Garay, 10 de Maio

Hoje, 10 de maio, na quietude costeira de Marmaris, na Turquia, nos reunimos não com júbilo, mas com seriedade. O sol surgiu suavemente sobre o mar Egeu, lançando uma luz terna sobre uma cidade que, há séculos, vê passar viajantes, comerciantes e exilados. Mas hoje Marmaris não é uma encruzilhada de comércio; é uma sala de espera para a consciência.

Amanhã, 11 de maio, realizaremos aqui uma assembleia com os tripulantes de todos os barcos na flotilha. Muitas direções serão propostas, muitos mapas desdobrados, muitas memórias evocadas. No entanto, antes que essa tempestade de vozes comece, quero registrar esse momento de preparação como um ponto de confiança mútua e de humildade profundas.

A esperança, em Marmaris, não é barulhenta. É o pescador consertando sua rede antes do amanhecer, sabendo que o mar pode não dar nada, mas lançando-a mesmo assim. É a mãe, em uma cozinha modesta, assando pão para vizinhos que ainda não conhece. É o jovem traduzindo palavras entre estranhos para que, por trás das diferenças, reconheçam o mesmo cansaço e o mesmo anseio pelo lar. São sinais pequenos, frágeis, mas reais.

Que não haja, porém, arrogância nessa esperança. Que não haja a pretensão de que já sabemos o caminho. O único caminho verdadeiro para a frente começa com a humildade: a humildade de ouvir uns aos outros como se nunca tivéssemos ouvido antes. Não preparar réplicas enquanto o outro fala. Não medir palavras para a vitória. Mas dedicar-se ao trabalho árduo e sagrado de compreender que nossa verdade não é a única verdade e que a dor não pode ser classificada nem descartada.

Acima de tudo, que esta assembleia e todas as decisões tomadas a partir dela coloquem Gaza no centro. Não como um símbolo, não como um tema de discussão, mas como uma ferida viva e uma vontade viva. As necessidades daqueles que vivem em Gaza — água, remédios, abrigo, direito de enterrar seus mortos com dignidade e de criar seus filhos sem medo— não são preocupações secundárias a serem negociadas. São a razão pela qual esta assembleia é importante.

Os direitos de Gaza, afirmados pelo direito internacional e pela simples decência humana, devem ser proclamados em voz alta e defendidos sem vacilar. E a liderança de Gaza, escolhida por seu povo e carregando suas agonias diárias, deve ser ouvida, respeitada e empoderada para falar por si mesma. Ninguém mais pode afirmar querer a liberdade para Gaza mais do que os próprios gazenses.

Portanto, nesta véspera, em Marmaris, abandonamos nossas certezas. Em vez disso, abraçamos uma esperança quebrada, mas viva: a de que amanhã, seja qual for o rumo tomado, não esqueceremos que humildade não é fraqueza, que ouvir não é rendição e que Gaza não é uma peça em um tabuleiro, mas um povo olhando para o mar, esperando que o mundo se lembre de que estão vivos e de que são importantes.

Deste lugar, com esta humildade, que possamos navegar na direção sábia que decidirmos juntos.

Um Novo Horizonte: De Sistemas Quebrados a Comunidades Vivas – Juan Garay, 30/04/2026

Em algum lugar das águas gregas. A flotilha atravessa o mesmo mar que Homero cantou — a jornada para Ítaca. Ao nosso redor, o horizonte aguarda com as formas das forças de ocupação de Israel, com a passividade conivente da União Europeia, que recebeu ordens para

tratar a solidariedade como crime. Um outro mundo não é apenas possível. Já está sendo construído. Como uma rede global de ecovilas, permacultura e flotilhas solidárias pode oferecer uma alternativa radical a um mundo definido pela extração financeira, manipulação da mídia e colapso ecológico?

Em um século marcado por crises em cascata — genocídio em Gaza, aceleração do colapso climático, ampliação da desigualdade e concentração do poder global nas mãos de poucos gestores de ativos — um movimento ainda pequeno, mas crescente, está escolhendo um caminho diferente. Não está esperando que governos ou corporações mudem de rumo. Em vez disso, está construindo a partir da base: ecovilas autogeridas, que em breve serão interconectadas por flotilhas de conhecimento e cuidado, enraizadas na permacultura e guiadas pelo princípio do compartilhamento.

Há um eco antigo nos mares que navegamos. Quando Homero cantou sobre Odisseu lutando para chegar a Ítaca, ele não velejava rumo a um lugar. Sua jornada o conduzia ao relacionamento correto com o lar, com o amor, com a terra. A odisseia descreve o que cada geração precisa aprender: a jornada rumo à justiça é longa, o mar é traiçoeiro e os poderes deste mundo tentarão afogar você. A Flotilha Sumud de hoje, indo em direção a Gaza com remédios e esperança, encontra-se nessa mesma jornada. Seus tripulantes recusam-se a abandonar a crença de que outra margem é possível.

O nome "Europa" vem da princesa fenícia Europa, que, no mito, foi raptada da Ásia e levada através do mar para Creta. Europa deu seu nome a um continente que nunca decidiu completamente se é um refúgio ou uma fortaleza. Durante séculos, as costas da Europa receberam os náufragos e os desesperados. E durante séculos, a Europa também construiu muros. Hoje, a União Europeia observa com passividade conivente enquanto forças de ocupação interceptam barcos que levam remédios e esperança para Gaza. O continente batizado em homenagem a uma mulher raptada agora normaliza o rapto da esperança. Mas o mar se lembra de uma outra possibilidade: Europa também foi uma travessia, uma conexão entre continentes, uma história de movimento e encontro — não de fechamento e exclusão. Essa Europa mais antiga não está morta. Ela navega com esta Flotilha.

E Platão sabia, há muito tempo, que nenhuma sociedade poderia ser justa se uma pequena elite acumulasse além da medida. Na República, ele alertou que a riqueza descontrolada destruiria a pólis — porque os ricos se tornariam um Estado dentro do Estado, leais apenas ao seu próprio tesouro. Essa profecia se cumpriu. Os maiores gestores de ativos hoje detêm mais poder do que a maioria das nações[13,14]

Em todas as tradições que traçam sua linhagem através desta mesma região — desde as colinas da Galileia perto de Gaza até os desertos da Arábia — um único ensinamento se repete, ignorado com muita frequência pelos impérios, igrejas e estados que reivindicam essas tradições como suas. Jesus de Nazaré disse: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Marcos 12,31). O Profeta Muhammad, que a paz esteja sobre ele, disse: “Nenhum de vocês verdadeiramente crê até que ame para seu irmão o que ama para si mesmo” (Sahih al-Bukhari). As mesmas palavras. O mesmo mandamento. Amor pelo outro como se ama a si mesmo. Isso não é um desejo sentimental. É a chave para a paz e a justiça e para a harmonia de todos os povos e todas as religiões. Cada muro, cada navio de guerra, cada bloqueio é uma negação desse

[13] Piketty, T. (2014). O Capital no Século XXI. Editora Harvard University Press.
[14] Garay, J. (2024). Restoring Broken Human Deal https://www.peah.it/2024/04/13164/

ensinamento. Cada flotilha, cada refeição compartilhada, cada ato de solidariedade através das linhas inimigas é sua afirmação. Hoje, a "Fortaleza Europa" constrói cercas, empurra barcos para trás, criminaliza o resgate. As igrejas e as mesquitas muitas vezes abençoam as bandeiras do império em vez do mandamento Daquele que nos criou a todos. Mas esse mandamento nunca foi extinto. Vive em cada flotilha.

Os números, surpreendentemente, apoiam a viabilidade do sonho. Pesquisas mostram que, se a humanidade reservasse dois terços das terras do planeta para a vida selvagem e dedicasse apenas um terço da parte humana restante à permacultura sustentável e comunitária, isso seria suficiente para atender às necessidades de mais de 10 bilhões de pessoas — muito acima das perspectivas demográficas deste século[13]. O obstáculo não é a escassez, mas a má distribuição e um modelo econômico tóxico.

A Máquina da Extração e do Controle

O atual sistema global não cria iniquidades por uma falha neutra. Ele é ativamente estruturado para concentrar riqueza e poder. O lucro sobre o capital tem consistentemente superado o crescimento econômico, levando ao acúmulo de riqueza dinástica. Os mercados financeiros especulativos — hoje dominados por um punhado de mega gestoras de ativos como *BlackRock*, *Vanguard* e *State Street* — capturam cerca de 20 a 30% do PIB global, não por meio da produção, mas da extração[13]. Esse "PIB tóxico" se comporta como um câncer na economia global: alimenta a desigualdade, bloqueia a redistribuição justa e impulsiona a destruição ecológica[13].

A Oxfam mostrou repetidamente que o 1% mais rico detém quase o dobro da riqueza dos 99% mais pobres combinados[15]. Enquanto isso, um tratado da ONU para controlar a especulação e os paraísos fiscais continua bloqueado pelas potências ocidentais[13]. O custo humano não é abstrato: estima-se que 16 milhões de mortes excessivas ocorram a cada ano — cerca de 30% de toda a mortalidade — devido a iniquidades de saúde ligadas à lacuna da dignidade, o déficit abaixo dos aproximadamente US$ 10 por pessoa por dia necessários para uma vida digna[16]. Redistribuir apenas 7% do PIB global — comparável aos subsídios anuais aos combustíveis fósseis — fecharia essa lacuna[14].

Estudiosos da mídia descrevem há muito tempo como a mídia de propriedade corporativa fabrica o consentimento para políticas que beneficiam interesses elitistas[17]. Hoje, essa manipulação atingiu nova intensidade. A inteligência artificial já está incorporada na mira militar, na especulação financeira e nas comunicações globais — não para avançar o bem-estar humano, mas para acelerar a dominação. "Sem salvaguardas", alerta uma análise, "enfrentamos um mundo onde a desigualdade pode se aprofundar da atual plutocracia de 'um por mil' para uma tecnocracia de 'um por milhão' de trilhardários governantes" [18].

---

[15] Oxfam Internacional. (2024). A Desigualdade Mata: O estarrecedor custo humano da riqueza extrema. https://www.oxfam.org.br/a-desigualdade-mata/

[16] Garay, J. (2023). "Towards a WISE – Wellbeing in Sustainable Equity – New Paradigm for Humanity." PEAH – https://www.peah.it/2023/12/12800/

[17] Chomsky, N. (2002). Controle da Mídia: As Espetaculares Conquistas da Propaganda. Seven Stories Press.

[18] Garay, J. (2025). The Inequity Risks of AI When the Global Good Is Not the Goal PEAH.https://www.peah.it/2025/09/15065/

Os mesmos sistemas que manipulam processos democráticos e espalham desinformação também treinam a passividade, transformando cidadãos em consumidores isolados, desconectados da terra, da comunidade e uns dos outros [19].

A violência estrutural desse sistema não fica mais clara em nenhum lugar do que em Gaza. Investigadores da ONU documentaram evidências contundentes de genocídio, descrevendo as ações de Israel como tendo o objetivo de "destruir fisicamente os palestinos como grupo" [20]. A Corte Internacional de Justiça considerou plausível que os atos de Israel constituam genocídio. No entanto, os Estados Unidos e seus aliados europeus vetaram resoluções de cessar-fogo no Conselho de Segurança e continuaram com a transferência de armas.

Esse duplo padrão — condenar a invasão da Ucrânia pela Rússia enquanto se permite o ataque de Israel a Gaza — destruiu qualquer pretensão remanescente de direitos humanos universais[8]. O anacrônico poder de veto no Conselho de Segurança, detido pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial, anula o grito global para parar de bombardear civis[14].

Em resposta, a resistência de base assumiu novas formas. A Flotilha Sumud — Sumud significa firmeza em árabe — é uma dessas iniciativas: navios que transportam ajuda humanitária e ativistas não violentos, desafiando o bloqueio naval a Gaza. Ela incorpora uma recusa em aceitar o deslocamento forçado como normal — e aponta para uma lógica diferente de conexão, não através de fronteiras e bombas, mas através da solidariedade e do risco compartilhado.

Atravessar estas águas gregas em direção a Gaza é navegar nas mesmas rotas que Odisseu percorreu — mas ao contrário. Ele navegou para longe de Troia, em direção ao lar. Esta flotilha navega para longe do conforto da Europa, em direção à ferida do mundo. Ítaca nunca foi um lugar. Era a coragem de continuar. E essa coragem não desapareceu.

A Esperança das Ecovilas

Enquanto os velhos sistemas revelam sua falência terminal, um número crescente de pessoas — especialmente entre os jovens — está se voltando para a natureza, a simplicidade e a comunidade. Buscam vidas que sejam significativas, generosas e relacionais, não competitivas e extrativistas.

Ecovilas — da Europa à América Latina, da África à Ásia — são um nó no que pode se tornar uma rede global[6]. Essas comunidades não são enclaves de escapismo. São laboratórios vivos de resiliência: restaurando a soberania alimentar, praticando governança participativa, regenerando ecossistemas e reduzindo a dependência de um mercado global alienante[21].

Importante: elas não são contra a tecnologia. Softwares de código aberto e bens comuns digitais permitem que essas comunidades compartilhem conhecimento, colaborem em bens

---

[19] Garay, J. (2026). "We have a dream." PEAH. https://www.peah.it/2026/01/we-have-a-dream/

[20] Albanese, F. (2024). Relatório da Relatora Especial sobre a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados desde 1967. Conselho de Direitos Humanos da ONU. https://www.ohchr.org/en/documents/country-reports/a79384-report-special-rapporteur-situation-human-rights-palestinian

[21] Garay, J. (2026). "Health, Hope, and Resistance in an Age of War, Inequity, and Ecological Breakdown." PEAH. https://www.peah.it/2026/01/health-hope-and-resistance-in-an-age-of-war-inequity-and-ecological-breakdown/

públicos globais e neutralizem os efeitos manipuladores de plataformas proprietárias[21]. Elas oferecem aos jovens algo cada vez mais raro: uma sensação tangível de que suas ações importam, que a dignidade pode ser defendida coletivamente e que outro caminho é possível.

A visão se estende para além das ecovilas individuais. Uma rede global de comunidades soberanas e inter-relacionadas — enraizadas em seus territórios, mas abertas umas às outras — poderia ser interconectada por flotilhas. Não navios militares, mas barcos carregando sementes, histórias, música, ferramentas e práticas de cura. Essas flotilhas fariam a polinização cruzada de conhecimento, cultura e visões existenciais, construindo solidariedade sem dominação.

Assim como a Flotilha Sumud desafia o cerco a Gaza, uma rede de flotilhas solidárias poderia desafiar o cerco mais amplo da imaginação: a crença de que não há alternativa ao capitalismo, ao nacionalismo e ao suicídio ecológico.

Uma Utopia Factível

O que torna este sonho tangível é seu fundamento em realidades mensuráveis. A pesquisa mostra que abaixo de um limiar de dignidade de cerca de US$ 10 por pessoa por dia, nenhum país jamais alcançou os melhores níveis possíveis de saúde. Acima de um limiar de excesso de cerca de US$ 50 por pessoa por dia, nenhum país respeitou os limites planetários, e os ganhos de saúde se estabilizam. O PIB acima desse nível de excesso — aproximadamente 60% do PIB mundial — é efetivamente desperdício, responsável por 90% das emissões de carbono.

Se esse desperdício fosse redirecionado, vidas mais simples em termos de produção e consumo poderiam reduzir as emissões abaixo do limiar ético de cerca de 1,3 tonelada de CO2 por pessoa por ano (para manter o aquecimento abaixo de 2°C) ou até mesmo 0,3 tonelada (para 1,5°C). Nas taxas atuais, as emissões excessivas devem causar 218 milhões de mortes prematuras neste século, principalmente em países de baixa poluição[22].

Mas a alternativa — uma rede global de ecovilas praticando permacultura sustentável em apenas um terço da parte humana da terra — não apenas preveniria essa catástrofe. Também permitiria o melhor nível possível de saúde para todos, ao mesmo tempo que deixaria dois terços do planeta para a vida selvagem[16]. Isso é chamado de “revolução global e pacífica”[22]. Não se espera substituir instituições existentes da noite para o dia. Mas rejeita a ideia de que a violência e a extração são inevitáveis.

Como diz um manifesto: “Temos um sonho de que a humanidade se lembrará de que toda vida é sagrada, e de que os humanos são parte da teia da vida — não seus donos, não seus senhores. Temos um sonho de comunidades que regeneram ecossistemas em vez de exauri-los… Temos um sonho de uma rede global de comunidades soberanas e inter-relacionadas — enraizadas em seus territórios, abertas umas às outras, compartilhando conhecimento, sementes e solidariedade para o bem comum” [14].

Numa era de genocídio, desigualdade e colapso ecológico, esse sonho não é uma fuga da realidade. É o caminho mais realista que resta para preservar a vida, a saúde e o significado no século que se avança.

---

[22] Garay, J. (2024). "Human Ethical Threshold of CO2 Emissions and Projected Life Lost by Excess Emissions." PEAH. https://www.peah.it/2024/07/13556/

Nota Final

As forças de ocupação de Israel, com a passividade conivente da União Europeia, são visíveis no horizonte. Quer esta mensagem chegue até você ou não, saiba disto: a flotilha não é um barco. É cada pessoa que se recusa a desviar o olhar. Cada comunidade que escolhe o compartilhamento em vez do acúmulo. Cada mão que ainda se estende para outra, através de qualquer muro, qualquer mar. Ítaca não é um lugar. É uma direção. E nós ainda estamos navegando.

A flotilha foi interceptada pelo exército israelense. O que acontece depois — detenção, deportação, violência — não posso saber. Mas as palavras acima não foram escritas para o momento da chegada. Foram escritas para o momento da partida. E esse momento não pode ser apagado.

Se você está lendo isto, a mensagem sobreviveu — ou alguém se lembrou.

Diga aos outros: havia um barco. Havia um sonho. Havia pessoas que se recusaram a aceitar que Gaza deve passar fome em silêncio, que o mar pertence apenas a navios de guerra, que a solidariedade é um crime.

Diga a eles: a flotilha não foi derrotada. Foi interrompida. Mas a rede de comunidades, de ecovilas, de sementes compartilhadas e água compartilhada e esperança teimosa — essa rede ainda está navegando. Em milhares de outros barcos. Em milhares de outros corações.

“Nós temos um sonho”. E o viveremos até torná-lo realidade — sobrevivam ou não os nossos corpos.

Por Gaza. Pela terra. Pelas gerações que lerão isto e saberão: alguém tentou.

Fim da transmissão.